

BREVE MAPEAMENTO DA ABORDAGEM DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

Vanessa Lopes Lourenço HANES

Universidade Federal Fluminense

Resumo: O presente artigo buscou desenvolver um estado da arte que mapeasse as publicações mais relevantes em nível nacional tendo como tema as abordagens das variações linguísticas no ensino de língua inglesa no Brasil. As pesquisas bibliográficas empreendidas demonstraram que as pesquisas que associam o ensino da língua inglesa e a variação linguística no Brasil são poucas e consideravelmente recentes. Porém, indicaram também que tem ocorrido um aumento no espaço dado à questão da variação nas propostas curriculares voltadas a diferentes públicos, embora na prática a temática ainda seja pouco abordada nos materiais didáticos utilizados. Notou-se grande proximidade entre as perspectivas dos multiletramentos e do letramento crítico e os debates acerca do ensino das variações da língua inglesa no Brasil.

Palavras-chave: Ensino de línguas. Língua inglesa. Variação linguística.

A BRIEF MAP OF APPROACHES TO LANGUAGE VARIATION IN ENGLISH TEACHING IN BRAZIL

Abstract: The purpose of this article was to develop a state of the art on approaches to language variation in the most relevant national-level publications used to teach English in Brazil. The bibliographic research showed that studies associating the teaching of English and language variation are few and quite recent. However, they also indicate that there has been an increase in the space allotted to the question of variation in the curriculum proposals for different audiences, despite the fact that, in practice, the theme is still only minimally present in the didactic material. Great proximity was observed between multiliteracy, critical literacy and debate about teaching English language variation in Brazil.

Keywords: Language teaching. English Language. Language variation.

BREVE MAPEO DEL ABORDAJE DE LAS VARIACIONES LINGÜÍSTICAS EN LA ENSEÑANZA DE LA LENGUA INGLESA EN BRASIL

Resumen: El presente artículo buscó desarrollar un estado del arte que mapeara las publicaciones más relevantes a nivel nacional que tuvieran como tema los abordajes de las variaciones lingüísticas en la enseñanza del inglés en Brasil. Los relevamientos bibliográficos emprendidos demostraron que las investigaciones que asocian la enseñanza de la lengua inglesa y la variación lingüística son pocas y considerablemente recientes en Brasil. No obstante, tales relevamientos indican que ha habido un aumento en la atención dedicada a la cuestión de la variación lingüística en las propuestas curriculares orientadas a diversos públicos, aunque en la práctica la temática todavía es poco abordada en los materiales didácticos que se utilizan. Fue posible detectar una gran proximidad entre las perspectivas de la multialfabetización y de la alfabetización crítica y los debates sobre la enseñanza de las variaciones de la lengua inglesa en Brasil.

Palabras clave: Enseñanza de lenguas. Lengua inglesa. Variación lingüística.

INTRODUÇÃO

Como bem coloca Crystal (2012), nos tempos atuais a posição do inglês enquanto *lingua franca* é universalmente aceita; porém, esta aceitação está longe de ser um fator simplificador. Ao contrário, com a vasta abrangência da língua, surgem inevitáveis inquietações como: sim, o inglês é falado mundialmente, porém *qual* inglês? Questionamentos dessa natureza já há algum tempo estão longe de serem novos: os acirrados debates acerca do *world English* (ver, por exemplo, a obra de Crystal mencionada acima para uma abordagem deste tema), bem como aqueles travados ao redor dos *world Englishes* (o volume editado por Kachru, Kachru e Nelson (2009) com contribuições de linguistas como M. A. K. Halliday e Walt Wolfram é bastante elucidativo com relação a esta temática) são já presença quase que garantida nos congressos voltados à linguística aplicada, à sociolinguística, etc.

O intuito do presente texto, entretanto, é dar um primeiro passo para perceber como esses *world Englishes* (que seriam, resumidamente, as diferentes variantes da língua faladas ao redor do globo e, para alguns teóricos, incluiriam ainda dialetos falados dentro de uma mesma nação) têm sido abordados junto aos estudantes brasileiros de língua inglesa em diferentes níveis, respondendo ao questionamento: qual tem sido o contato dos alunos brasileiros com a pluralidade da língua inglesa? Para um diagnóstico, ainda que parcial, da situação corrente, foi empreendida uma pesquisa por trabalhos acadêmicos que tivessem como alvo o estudo da

variação linguística no ensino da língua inglesa no país, a fim de elaborar um estado da arte atual o qual, por sua vez, pudesse orientar abordagens pedagógicas futuras.

1. O CONCEITO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUAS RAMIFICAÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUAS

Conforme explica Tagliamonte (2012), a área do saber denominada de sociolinguística se subdivide em vários tipos, dentre eles a sociolinguística variacionista, a qual se ocupa do estudo das variações linguísticas, lidando com as variações inerentes à língua tanto no presente quanto no passado. Seu objetivo principal é entender os mecanismos que conectam fenômenos extralinguísticos (sociais e culturais) com a heterogeneidade linguística padronizada no sistema da língua.

A teoria sociolinguística variacionista tem sua origem em grande parte nos escritos de William Labov, o qual visava o estudo da variação e da mudança na língua no contexto social da comunidade de fala, verificando assim o que a variação tinha a dizer a respeito da estrutura linguística. Conforme apontam Weinreich, Labov e Herzog (2006), a língua é dotada de uma heterogeneidade sistemática, e é a ausência de heterogeneidade em uma comunidade de fala é que a caracteriza como disfuncional. Segundo a sociolinguística laboviana, a variação sistemática ocorre porque há modos alternativos de dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade (LABOV, 1978). Alkmim (2001) explica que há quatro tipos de variação linguística: a) diacrônica, resultante de mudanças ocorridas durante a história da língua; b) sincrônica, relacionada a fatores geográficos, atendo-se ao tempo presente; c) diastrática, que resulta de fatores sociais como idade, sexo, classe social, etc.; e d) diafásica, referente à adequação contextual.

Conforme demonstra Salomão (2012), a perspectiva sociolinguística recentemente tem crescido em significância no Brasil na abordagem da língua portuguesa. Autores como Preti (2003) e Bagno (2007) têm auxiliado o público acadêmico brasileiro a perceber que o português está longe de ser a língua uniforme que muitos eram, até pouco anos atrás, levados a acreditar. Porém, embora a mesma abordagem teórica não só tenha imensa relevância em países de fala inglesa como, mais do que isso, se origine dos mesmos, à primeira vista não parece haver uma política de ensino da língua inglesa na qual seu pluralismo seja enfatizado no

Brasil, mesmo nas universidades. E é desta hipótese que parte o texto aqui desenvolvido: a da escassez de propostas sistemáticas de ensino da língua inglesa para diferentes públicos sob uma perspectiva variacionista.

Embora o objetivo último da autora do presente artigo seja, com base na proposta dos multiletramentos, pensar uma pedagogia da língua inglesa que leve em conta a língua com suas diferentes práticas, gêneros, variedades e determinantes, o objetivo aqui desenvolvido é bem mais modesto: visa-se sondar o que já foi dito sobre o ensino da língua inglesa sob a ótica variacionista no Brasil, para que, a partir de um estado da arte analítico, novas propostas de ensino possam ser apresentadas.

2. A BUSCA POR RESPOSTAS: A METODOLOGIA ADOTADA

Optou-se pelo desenvolvimento de um estado da arte através de pesquisa bibliográfica em bases de dados disponíveis online. Somente artigos, teses, dissertações e livros escritos em língua portuguesa, ou seja, voltados estritamente ao público brasileiro e que enfocassem o contexto de ensino da língua inglesa no Brasil, foram considerados. A opção pela utilização de referências bibliográficas publicadas em português deu-se também devido à maior possibilidade de as mesmas serem disponibilizadas gratuitamente e poderem ser acessadas em sua totalidade, graças à crescente (e muito bem-vinda) política de acesso livre adotada por periódicos e universidades brasileiras.

As buscas foram empreendidas utilizando como principal ferramenta o Google Acadêmico. Combinações de termos como “variação linguística” + “ensino” + “inglês”, “variações linguísticas” + “ensino” + “inglês”, “variantes” + “ensino de língua inglesa”, dentre outras, serviram como norteadores da procura por textos relevantes.

Os textos entendidos como importantes para a compreensão do tema proposto foram arquivados, analisados, e um resumo das principais informações apresentadas foi elaborado. A proposta não foi, necessariamente, escrever um documento exaustivo, que explorasse absolutamente todos os textos já escritos sobre o tema, mas sim compilar informações gerais acerca das principais frentes de ação adotadas diante da questão das variações linguísticas da

língua inglesa em sala de aula no país. E a condensação das informações encontradas é apresentada na seção a seguir.

3. RESULTADOS ENCONTRADOS: O QUE OS ESTUDOS BRASILEIROS TINHAM A DIZER

Conforme esperado, foram encontrados alguns estudos que, em algum momento, mencionam a variação linguística associada ao ensino da língua inglesa para diferentes públicos no Brasil, tanto em cursos universitários de Letras quanto em escolas regulares voltadas a diferentes faixas etárias. Entretanto, poucos dentre estes estudos têm a variação linguística como foco principal. Abaixo os estudos encontrados são apresentados por ordem de relevância nas diferentes esferas de ensino, ou seja, indo desde aqueles onde a variação linguística aparece de forma mais ampla, sendo meramente mencionada junto às políticas de ensino de línguas estrangeiras como um todo, e passando pelos estudos sobre o ensino da língua inglesa nos quais a variação aparece como coadjuvante, até chegar àquelas pesquisas nas quais o ensino da variação linguística é o ponto central, mapeando as informações referentes primeiramente ao ensino fundamental e médio e posteriormente aquelas sobre o nível universitário.

Tílio (2014) aborda o ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas durante a educação básica, porém sem enfoque específico na língua inglesa, atentando-se à análise das metodologias de ensino utilizadas e à busca de propostas alternativas. O autor não deixa de problematizar a questão do ensino da língua estrangeira, ressaltando o seu papel para a construção da cidadania e a inclusão social e a importância de considerar o contexto social e cultural dos alunos.

Costa (2014), por sua vez, analisa as políticas linguísticas adotadas no ensino de inglês em escolas públicas do estado do Amazonas. A autora explica que, de acordo com a proposta curricular vigente, o aluno deveria ser exposto ao que é chamado de “diferentes variedades linguísticas” (p. 83), o que se daria através de práticas básicas de comunicação escrita e oral. Entretanto, a proposta em questão se contradiz, dizendo em outro momento que o principal enfoque do ensino nas escolas estaduais até o ensino médio é somente a leitura e interpretação de textos. Como se sabe, seria possível ainda assim (através de atividades de

leitura) expor o aluno às chamadas variedades da língua, mas aparentemente nessa proposta curricular confusa e contraditória desde suas origens muito pouco é feito nesse sentido.

Rocha (2010), assim como Costa (2014), também desenvolveu um estudo voltado especificamente ao ensino da língua inglesa na fase escolar. Entretanto, sua proposta tem vários diferenciais quando comparada com a de Costa: um deles é a limitação de seus sujeitos a alunos das séries iniciais da educação básica; o segundo seria que seu trabalho se trata de uma proposta específica para o ensino da língua inglesa a tais sujeitos; e o terceiro elemento diferenciador seria sua abordagem teórico-metodológica, com ênfase no plurilinguismo, na transculturalidade e nos multiletramentos, o que conseqüentemente dá maior abertura ao debate acerca das variações linguísticas. Rocha (2010) afirma acreditar que o plurilinguismo possa penetrar o inglês, e define o seu ensino plurilíngue como “aquele que promove o contato e o confronto de diferentes línguas, como a língua materna e a estrangeira, trazendo para o centro do processo uma diversificada gama de variantes e variações, entre outras linguagens sociais, como gírias, falares de grupos específicos, *internetês* etc”. (ROCHA, p. 98). Portanto, embora o discurso desta autora não se centre somente na questão da variação linguística, é possível perceber que ela perpassa toda a proposta didática para a língua inglesa descrita no estudo consultado.

Outro trabalho bastante específico voltado ao ensino do inglês em séries iniciais foi desenvolvido por Moreno e Tonelli (2016). Elas analisaram o conteúdo de duas coleções didáticas voltadas ao ensino de língua inglesa para os anos iniciais do ensino fundamental, coleções as quais afirmavam ter como eixo orientador a utilização de gêneros discursivos no ensino de inglês. Embora a variação linguística não seja, mais uma vez, abordada a fundo pelas autoras, elas relatam a dicotomia entre o discurso vigente sobre a prática de ensino de línguas, o qual exalta a ênfase na pluralidade através da abordagem de diferentes gêneros discursivos e é difundido não só na academia, mas também pelas editoras para a comercialização de materiais didáticos, e o conteúdo dos materiais analisados em si, o qual, afirmam, não contempla questões essenciais como práticas culturais e variantes.

O artigo de autoria de Francescon, Senefonte e Baronas (2013) foi um dos poucos materiais encontrados tendo a variação linguística no ensino da língua inglesa como tema

central. Seu estudo buscou investigar como esta variação é vista nos documentos oficiais que dão o direcionamento para o ensino de línguas estrangeiras no Brasil e no estado do Paraná (Parâmetros Curriculares Nacionais e Diretrizes Curriculares Estaduais, respectivamente). Os resultados encontrados por eles mostram que ambos os documentos prescrevem a abordagem da variação linguística em sala de aula, mencionando a importância do trabalho com diferentes registros e aspectos sociais e culturais, porém os materiais didáticos analisados, em contrapartida, não contemplam efetivamente o fenômeno variacional, embora haja uma aproximação tímida da temática. Alguns textos dos livros didáticos adotados apresentaram variações linguísticas, porém sem atividades reflexivas sobre o assunto, o que levou os autores a concluir que há “a necessidade de uma melhora no tratamento das questões de variação linguística nos manuais didáticos de língua inglesa, a fim de poderem proporcionar reflexões mais profundas a respeito dos usos da língua” (FRANCESCON; SENE FONTE; BARONAS, 2013, p. 219-220).

Rodrigues (2005) analisou como dois livros de inglês voltados ao ensino médio utilizados na cidade de Fortaleza tratam da questão da variação linguística. Através de um roteiro de análise o autor descobriu que nenhum dos dois livros abordava qualquer variedade dialetal específica. O primeiro deles se ateu somente à utilização de alguns registros diversificados, porém com uma concepção mais tradicionalista de língua. Já no outro material a abordagem de mais registros e explorações gramaticais mais dinâmicas foram observadas, restringindo-se, no entanto, ao âmbito lexical. E, mesmo no livro do professor, a questão do registro foi abordada de forma superficial. Tais conclusões levaram o autor a concluir que “os livros didáticos de inglês, adotados no Ensino Médio, ainda não são suficientemente adequados para o ensino da variação linguística” (RODRIGUES, 2005, p. 3).

Paschoal (2011) diferiu dos estudos mencionados até aqui ao lidar, ainda que indiretamente, com a variação linguística inserida nos cursos de idiomas particulares brasileiros. Ela desenvolveu um estudo tendo como enfoque a oralidade dos aprendizes de língua inglesa com base na linguística aplicada crítica, recorrendo a autores como Rajagopalan (2003) e Pennycook (2006). Seu objetivo foi verificar como o letramento crítico auxiliaria os alunos em suas reflexões acerca de sua identidade, e se tais reflexões contribuiriam positivamente para o desenvolvimento da oralidade em língua inglesa. Para verificar isso, ela utilizou entrevistas

individuais e grupais em uma escola de idiomas. Apesar de, mais uma vez, o enfoque não ser a questão da variação linguística em si, o estudo de Paschoal (2011) enfatiza a importância da heterogeneidade da língua inglesa, e afirma que diante da variedade de usos da mesma é necessário lembrar que a questão linguística não pode ser dissociada da sociologia das relações de poder (ver Rajagopalan (2003)), cabendo ao professor identificar o imperialismo linguístico e o possível papel desempenhado pelo docente em sala de aula como agente promotor de mudanças, ainda que simples. Em suas entrevistas a questão da variação linguística foi abordada, com alunos demonstrando entendimento de que “todos são inglês”, sem fazer distinção valorativa entre as variedades trabalhadas e, portanto, percebendo a língua como heterogênea.

Três estudos relevantes foram encontrados tratando direta ou indiretamente da relação entre a variação linguística e a formação no âmbito dos cursos de Letras no Brasil. Em um destes Gianini (2009) empreendeu uma pesquisa documental descritiva para analisar a trajetória do ensino de língua inglesa dentro de um curso de Letras em uma determinada universidade, compreendendo um período histórico de aproximadamente 60 anos (de 1940 a 2003). Seu objetivo maior foi conhecer a maneira como os professores de línguas brasileiros estão sendo formados recentemente e como eles têm sido formados com o decorrer do tempo. Embora a questão da variação em si não fosse seu principal objeto, ficou claro nos currículos apresentados em seu estudo que as variações da língua inglesa inicialmente eram vistas somente como parte do estudo da fonética e da fonologia. Porém, mais recentemente, particularmente a partir da década de 1990, as variações linguísticas passaram a constar como parte integrante de diferentes disciplinas do currículo de Letras, sendo associadas ao estudo de práticas educacionais, de diferentes culturas, da história da língua, da sociolinguística como área do saber, etc.

Duboc (2012) também traz à baila uma proposta baseada nos letramentos críticos usando como base os escritos de autores como Green (1997) e Monte Mór (2007) e voltada à formação de professores de inglês nas universidades brasileiras, a qual denomina de “atitude curricular”. Essa atitude consistiria basicamente em preparar os professores de inglês diante das demandas da sociedade contemporânea, utilizando as brechas do curso de formação para sinalizar a necessidade de agência diante da prática curricular, com a contemplação de um

propósito educacional crítico. A autora, devido à proposta de trabalho delineada, menciona diretamente ocasiões em que ocorreu a abordagem da variação linguística durante sua interação com os futuros professores. Em uma delas, na página 58, uma aluna trouxe à tona a questão da não-valorização da variação linguística em um momento em que a própria pesquisadora não esperava fazê-lo, ao trabalhar com opções de uso da língua para pedidos de desculpas. Ela afirma perceber que seus alunos reconhecem facilmente os diferentes modos de falar do Brasil, porém se mostram surpresos ao serem expostos ao mesmo fenômeno em língua inglesa, por terem uma visão homogênea da mesma. Duboc (2012) vai além ao dizer que “não basta uma coleção didática trazer diferentes culturas, etnias, línguas, simplesmente constatando suas existências, se for preservada no cerne do *syllabus* a variação cultural, étnica e linguística dominante” (p. 63). Isso seria o que a autora chama de uma abordagem pseudo-heterogênea. A importância dada à questão da variação linguística é ainda claramente perceptível em atividades preparadas por Duboc para o trabalho com seus sujeitos: texto em inglês não-padrão elaborado por ela, trecho de obra literária norte-americana representando um dialeto negro, e a utilização de uma canção da cantora negra norte-americana Nina Simone.

Alves e Batisti (2015) trazem uma abordagem sistemática relatando em um artigo como se deu a realização de um projeto de ensino voltado à variação e diversidade linguística na formação de profissionais de língua inglesa na graduação em Letras. Os autores iniciam seu texto mencionando a tendência geral de ensinar-se tradicionalmente o inglês americano ou britânico, até mesmo nos ambientes universitários, e ressaltam a legitimidade de tal política uma vez que o conhecimento da variante padrão da língua é necessário para fins profissionais e acadêmicos. Entretanto, eles explicitam as grandes dificuldades resultantes dessa abordagem: a aquisição de uma versão artificial da língua, distante da língua cotidiana, e, ainda pior, a criação de um preconceito linguístico contra tudo que difira da gramática normativa. Diante dessa realidade, eles justificam a necessidade de preparar os futuros professores para que tenham conhecimento do inglês não-padrão e venham a trabalhá-lo em sala de aula, desmistificando a noção de certo e errado e dando lugar à noção de adequação da língua ao contexto. Os autores externam sua preocupação com o fato de que seus alunos de graduação não costumam relacionar os conteúdos sociolinguísticos com os conhecimentos linguísticos adquiridos nas aulas de língua inglesa e, diante disso, apresentam o projeto de ensino que desenvolveram no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para lidar com a temática em apreço. O

projeto consistiu em adicionar uma introdução à noção de variação na língua inglesa ao conteúdo programático dos currículos de Letras da referida universidade, em um módulo pedagógico para discussão de conceitos sociolinguísticos aplicados a fatos variáveis do inglês. Os resultados do projeto demonstram que, embora os graduandos tenham afirmado que os conceitos trabalhados não são novos, mas sim um reforço do que já foi visto no decorrer do curso, consideraram importante refletir sobre o fenômeno da variação linguística especificamente atrelada à língua inglesa. De acordo com os autores, durante o processo “os aprendizes deixaram claro que o projeto pedagógico representou uma oportunidade de observar a diversidade da língua inglesa, resumida, pelos manuais de ensino de língua vigentes, somente às variedades britânica e americana” (ALVES; BATISTI, 2015, p. 17).

Para facilitar a visualização da totalidade dos dados apresentados nesta seção do artigo, abaixo é apresentado um quadro no qual o conteúdo dos dez estudos utilizados como corpus é exposto cronologicamente, de forma resumida.

Quadro 1. Condensação dos dados encontrados nos estudos consultados como corpus

Autor(es) e ano de publicação	Objeto e/ou público estudado	Variações linguísticas do inglês são objeto principal? Qual o tema?	Resultados encontrados
Rodrigues (2005)	Dois livros de inglês voltados ao ensino médio utilizados na cidade de Fortaleza.	Sim. Análise da presença de variedades dialetais nos livros considerados utilizando um roteiro.	Nenhum dos dois livros abordava qualquer variedade dialetal específica. Um se ateu somente a alguns registros, com uma concepção mais tradicionalista de língua. O outro abordava mais registros e estruturas gramaticais, porém se restringiu ao âmbito lexical.
Gianini (2009)	Currículo de um curso de Letras.	Não. Análise da trajetória do currículo voltado ao ensino de língua inglesa dentro de um curso de Letras, de 1940 a 2003.	As variações da língua inglesa inicialmente eram vistas somente como parte do estudo da fonética e da fonologia. Porém, mais recentemente passaram a constar como parte de diferentes disciplinas do currículo de Letras.
Rocha (2010)	Alunos das séries iniciais da	Não. Uma proposta específica para o ensino	Embora o discurso da autora não se centre somente na

	educação básica.	da língua inglesa a alunos das séries iniciais da educação básica, com ênfase no plurilinguismo, na transculturalidade e nos multiletramentos.	variação linguística, ela perpassa toda a proposta didática para a língua inglesa descrita.
Paschoal (2011)	Alunos de cursos de idiomas particulares brasileiros.	Não. A oralidade dos aprendizes de língua inglesa com base na linguística aplicada crítica.	Alunos demonstraram entendimento que todas as variedades “são inglês”, sem fazer distinção valorativa e, portanto, percebendo a língua como heterogênea.
Duboc (2012)	Professores de inglês em formação em universidades brasileiras.	Não, porém têm grande destaque. Proposta baseada nos letramentos críticos e voltada à formação de professores de inglês nas universidades brasileiras, a qual denomina de “atitude curricular”.	A autora afirma que seus alunos se mostram surpresos ao serem expostos aos diferentes modos de falar na língua inglesa, por terem uma visão homogênea da mesma.
Francescon, Senefonte e Baronas (2013)	Documentos oficiais que direcionam o ensino de línguas estrangeiras no Brasil e no estado do Paraná (Parâmetros Curriculares Nacionais e Diretrizes Curriculares Estaduais).	Sim. Investigação de como as variações da língua inglesa são vistas nos documentos oficiais analisados.	Ambos os documentos prescrevem a abordagem da variação linguística em sala de aula, porém os materiais didáticos analisados não contemplam efetivamente o fenômeno variacional, embora haja uma aproximação tímida da temática.
Costa (2014)	Políticas linguísticas adotadas no ensino de inglês em escolas públicas do estado do Amazonas.	Não. Análise da proposta curricular vigente para ensino da língua inglesa nas escolas públicas do Amazonas.	De acordo com a proposta curricular vigente, o aluno deveria ser exposto a diferentes variedades linguísticas, mas aparentemente muito pouco é feito nesse sentido.
Tílio (2014)	Alunos da educação básica.	Não. Ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas durante a educação básica, com	O autor ressalta o papel do ensino da língua estrangeira para a construção da cidadania e a inclusão social, ressaltando

		análise das metodologias de ensino utilizadas e busca de propostas alternativas.	a importância de considerar o contexto social e cultural dos alunos.
Alves; Batisti (2015)	Alunos de curso de Letras da UFRGS.	Sim. Um projeto de ensino voltado à variação e diversidade linguística na formação de profissionais de língua inglesa na graduação em Letras.	Alunos consideraram importante refletir sobre o fenômeno da variação linguística especificamente atrelada à língua inglesa.
Moreno; Tonelli (2016)	Duas coleções didáticas voltadas ao ensino de língua inglesa para o ensino fundamental.	Não. A utilização de gêneros discursivos no ensino de inglês.	Dicotomia entre o discurso vigente sobre a prática de ensino de línguas, o qual exalta a ênfase na pluralidade, e o conteúdo dos materiais analisados, que não contempla questões essenciais como práticas culturais e variantes.

4. DISCUSSÃO: O QUE OS RESULTADOS ENCONTRADOS SIGNIFICAM PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL HOJE?

Um dos primeiros achados desta pesquisa foi observado ainda na fase de levantamento bibliográfico: percebeu-se naquele momento que o número de estudos em âmbito nacional voltados à exploração das interfaces entre o ensino de língua inglesa e as variações linguísticas ainda é bastante reduzido, e que os poucos estudos desenvolvidos tendo as variações da língua inglesa como temática principal, ou mesmo explorando-as indiretamente, são bastante recentes. Dentre aqueles que propõem a abordagem da variação nos cursos de Letras, responsáveis pela formação docente, surpreendentemente o texto mais antigo encontrado foi o de Gianini (2009) 2009, enquanto o mais recente foi aquele de autoria de Alves e Batisti (2015).

A associação entre a variação linguística e o ensino de línguas nas escolas brasileiras até o momento parece ter sido o principal enfoque das pesquisas brasileiras, ainda que indiretamente. Entretanto, o estudo relevante mais antigo voltado à temática, até onde foi possível descobrir, foi publicado somente em 2005 (Rodrigues, 2005), demonstrando a atualidade e o estágio ainda quase que embrionário das pesquisas sobre variação no âmbito da pedagogia de língua inglesa brasileira. Quando se considera que os primeiros debates mais

acentuados acerca da sociolinguística variacionista só ganharam corpo no Brasil poucos anos antes, fica clara a associação entre a aplicação prévia daquela abordagem teórica pelos estudiosos do vernáculo e a sua utilização também para melhor compreender a dinâmica do ensino da língua inglesa.

Três estudos encontrados lidam diretamente com o ensino de língua inglesa e a variação no âmbito escolar ou de cursos de idiomas: aqueles conduzidos por Rodrigues (2005), Paschoal (2011), e Francescon, Senefonte e Baronas (2013). E o estudo desenvolvido por Alves e Batista (2015) trata do tema diretamente no âmbito universitário. Todavia, foi surpreendente perceber os muitos estudos nos quais a variação linguística acabou sendo um tema transversal, que permeava em maior ou menor medida a discussão global desenvolvida pelos autores, conforme será recapitulado nos parágrafos a seguir. Foi possível, através do recenseamento bibliográfico descrito acima, distinguir alguns eixos gerais que, direta ou indiretamente, trouxeram à tona a questão da variação linguística no ensino da língua inglesa.

Um dos eixos gerais notados foi a análise de livros didáticos adotados para o ensino da língua inglesa. Rodrigues (2005), Francescon, Senefonte e Baronas (2013) e Moreno e Tonelli (2016) realizaram análises nas quais, através dos conteúdos de materiais de ensino específicos em utilização recentemente, ficou clara a não-abordagem da variação linguística em sala de aula, ou de sua abordagem de maneira extremamente limitada/inadequada.

Outra grande corrente explorada em associação com a variação linguística em maior ou menor grau foram as propostas curriculares, tanto de escolas, nas análises conduzidas por Costa (2014) concernindo a proposta curricular de escolas públicas no Amazonas, e por Francescon, Senefonte e Baronas (2013), que consideraram a presença da variação nos documentos oficiais nacionais e estaduais do Paraná, quanto de cursos universitários, a saber, a proposta de análise curricular diacrônica apresentada por Gianini (2009), a “atitude curricular” de Duboc (2012) e o projeto de ensino da disciplina desenvolvida por Alves e Batista (2015). Segundo todos esses estudos, as propostas curriculares mostram, no geral, um aumento oficial no espaço dado à variação linguística no âmbito do planejamento do ensino da língua inglesa no Brasil.

Alguns autores mencionaram a variação linguística ao abordar metodologias de ensino da língua inglesa. Foi o caso de Tílio (2014) e Rocha (2010), para quem o ensino do idioma não pode ser homogêneo, já que a língua não o é.

Por fim, uma das grandes tônicas na abordagem da variação linguística em consonância com o ensino da língua inglesa foi a menção do letramento crítico e dos multiletramentos. Devido à natureza da variação linguística enquanto objeto de pesquisa, já mencionada acima, não houve surpresa ao observar que vários autores lançaram mão destes recursos em suas propostas de trabalho: foi o caso de Rocha (2010), Paschoal (2011) e Duboc (2012), cujas abordagens, mesmo que indiretamente, tiveram que trazer a variação linguística à tona para que o seu próprio processo reflexivo acerca da língua fizesse sentido como um todo.

CONCLUSÕES

A elaboração do presente estado da arte permitiu concluir, primeiramente, que há hoje uma grande dicotomia entre o falar e o fazer no ensino da língua inglesa no que toca a variação linguística. Por um lado, os estudos conduzidos mostram que a variação é pouquíssimo abordada nos materiais didáticos utilizados em sala de aula. Por outro, fica demonstrado que há diferentes propostas curriculares que preconizam a abordagem da variação linguística no ensino da língua. Uma vez que tais propostas curriculares exploradas por Costa (2014), Francescon, Senefonte e Baronas (2013), Gianini (2009), Duboc (2012) e Alves e Batisti (2015) são ainda bastante recentes, resta a esperança de que, a longo prazo, a prática reflita de modo mais efetivo o que se tem estabelecido como ideal na teoria.

Conforme previsto inicialmente, os estudos encontrados mostram que, embora exista uma preocupação recente e crescente em debater a variação linguística enquanto tema acadêmico, há ainda poucas propostas concretas de abordagem da mesma em sala de aula em diferentes esferas de ensino. Isso demonstra a urgência do objetivo maior que levou à produção do presente artigo diagnóstico: a futura elaboração de materiais de ensino que possibilitem a abordagem da variação linguística junto a diferentes públicos-alvo.

Finalmente, os vários grandes eixos brevemente mencionados na seção anterior demonstram a amplitude da questão da variação linguística no ensino da língua inglesa no Brasil. A novidade do tema e a abundância de necessidades e possibilidades de pesquisa e

sistematização de prática de ensino abrem portas para muitas explorações futuras que, espera-se, sirvam para uma consolidação do entendimento da importância da abordagem do tema de maneira integrada e multifacetada em cursos de idiomas, em escolas públicas e, acima de tudo, nos cursos universitários responsáveis pela formação dos futuros profissionais, que, amanhã, levarão adiante os vários ingleses com suas várias determinantes não só linguísticas, mas também culturais, sociais, políticas, etc.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-48.
- ALVES, Ubiratã Kickhöfel; BATISTI, Elisa. Variação e diversidade linguística no ensino-aprendizagem de língua inglesa na graduação em Letras. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 24, n.48, p.1-21, 2015.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- COSTA, M. T. C. D. **Políticas Linguísticas: o ensino de línguas estrangeiras em escolas públicas do estado do Amazonas**. 2014. 122 f. Dissertação (Mestrado Estudos da Linguagem) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.
- CRYSTAL, David. **English as a global language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- DUBOC, Ana Paula Martinez. **Atitude curricular: letramentos críticos nas brechas da formação de professores de inglês**. 2012.258 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- FRANCESCON, Paula Kracker; SENEFONTE, Fábio Henrique Rosa; BARONAS, Joyce Elaine de Almeida. Variação linguística no ensino de língua inglesa. **Revista Entrelinhas**, São Leopoldo, v 7, n. 2, p. 209-221, 2013.
- GIANINI, Zenaide Moschim. **O ensino de inglês em um curso de letras: o que revela um estudo longitudinal**. 198 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- GREEN, Bill. Reading with an attitude; or deconstructing 'critical literacies' response to Alan Luke and Peter Freebody. In: MUSPRATT, S.; LUKE, A.; FREEBODY, A. (Eds.). **Constructing critical literacies: teaching and learning textual practice**, 1997, p. 25-37.
- KACHRU, Braj; KACHRU, Yamuna; NELSON, Cecil (Eds.). **The handbook of world Englishes**. Oxford/Malden: John Wiley & Sons, 2009.
- LABOV, William. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Papers**, v. 44, p-43-88, 1978.

MONTE MÓR, W. Investigating critical literacy at the university in Brazil. **Critical Literacy: theories and practices**, v. 1, n. 1, p. 41-51, 2007.

MORENO, Ticiane Rafaela de Andrade; TONELLI, Juliana Reichert Assunção. Análise de conteúdos em coleções de sistemas apostilados de ensino de língua inglesa para os anos iniciais do ensino fundamental: o discurso e a prática. In: XI SEMINÁRIO DE PESQUISAS EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH. 1448-1459, 2016, Londrina. **Anais...Londrina: UEL**, 2016.

PASCHOAL, Luciane Cristina. **Questões de identidade lingüístico-cultural e sua relação com a oralidade em LE (inglês):** percepções de aprendizes em nível intermediário. 104 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-84.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala**. EDUSP: São Paulo, 2003.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.) **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado das Letras, 1998, p. 21-45.

ROCHA, Claudia Hilsdorf. **Propostas para inglês no ensino fundamental I público: plurilinguismo, transculturalidade e multiletramentos**. 141 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

RODRIGUES, Daniel de Sá. **O tratamento da variação lingüística em livros didáticos de língua inglesa**. 83 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005.

SALOMÃO, Ana C.ristina. Variação e mudança lingüística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. **Fórum Linguístico**. v. 18, n. 8, p. 187-207, 2012.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation**. Oxford: John Wiley & Sons, 2012.

TILIO, Rogério. Língua estrangeira moderna na escola pública: possibilidades e desafios. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 925-944, 2014.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

Vanessa Lopes Lourenço HANES

Professora Adjunta do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas, setor de Língua Inglesa, na Universidade Federal Fluminense.

Recebido em dezembro/2016 - Aceito em agosto/2017.